



“Não me chama de princesa”: o mito da fragilidade feminina e o *desprincesamento* em “As meninas super poderosas”¹⁷

Caroline Francielle Alves¹⁸

Maria Regina de Lima G. Oliveira¹⁹

Universidade Estadual de Goiás – UEG

Resumo: Este trabalho objetiva, por meio de um episódio do desenho animado “As meninas super poderosas”, evidenciar o processo de *desprincesamento* proposto pela personagem *Docinho*, bem como desmistificar a ideia de fragilidade feminina posta à sociedade. Para tanto, nos aportamos teoricamente na perspectiva pós-estruturalista e em uma análise crítica do episódio “Lutando contra o homem garoto”. Neste estudo, entendemos gênero como um elemento constituído a partir das relações sociais/culturais, as quais excedem as imposições da perspectiva biologizante (Louro, 2014; Scott, 1994, 1999). Dessa forma, vemos as pressuposições binárias como uma forma de estabelecimento das relações de poder, haja vista que são instituídas características diferentes e opostas para mulheres e homens, sendo estas muitas vezes consideradas como frágeis e submissas, e aqueles como fortes e dominadores. Nesse sentido, intentamos descortinar o mito da fragilidade feminina no campo audiovisual como forma de promover a reflexão e o processo de *desprincesamento* necessário para a crítica e a percepção das desigualdades presentes nas relações de gênero. Diante disso, percebemos a necessidade de problematização da temática nos meios sociais em geral, assim como da crítica aos modelos binários. Além disso, evidenciamos que a associação da mulher ao termo princesa – cuja função, geralmente, é ficar à espera do príncipe encantado – tem relação direta com a ideia de subserviência e submissão feminina, dado que se espera da mulher o mesmo que da protagonista dos contos de fadas, que ela se mostre passiva, meiga etc., e ao homem, contrariamente, seja seu herói, aquele que a protege, salva, luta e etc.

Palavras-chave: Meninas superpoderosas. *Desprincesamento*. O mito da fragilidade feminina.

1 Considerações iniciais

Este trabalho objetiva, por meio de um episódio do desenho animado “As meninas superpoderosas”, evidenciar o processo de *desprincesamento*²⁰ proposto pela personagem

¹⁷ Trabalho apresentado ao II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na UEG Goiânia Câmpus Laranjeiras.

¹⁸ Mestranda/Bolsista do Programa Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG. E-mail: alves.caroline@hotmail.com

¹⁹ Mestranda/Bolsista do Programa Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Especialista em Educação para a Diversidade, Cidadania e Direitos Humanos pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Licenciada em Pedagogia pela UEG – Câmpus Crixás. Docente do quadro efetivo do município de Crixás-GO. E-mail: mariareginalima91@hotmail.com



Docinho, bem como desmistificar a ideia de fragilidade feminina posta à sociedade. Para tanto, nos aportamos teoricamente na perspectiva pós-estruturalista e em uma análise crítica do episódio “Lutando contra o homem garoto”.

Neste estudo, entendemos gênero como um elemento constituído a partir das relações sociais/culturais, as quais excedem as imposições da perspectiva biologizante (Louro, 2014; Scott, 1994, 1999). Dessa forma, vemos as pressuposições binárias como uma forma de estabelecimento das relações de poder, haja vista que são instituídas características diferentes e opostas para mulheres e homens, sendo estes muitas vezes considerados fortes e dominadores e aquelas como frágeis e submissas.

Alinhamos nosso trabalho à perspectiva pós-estruturalista por concordamos que o gênero é um “construto sociocultural e linguístico, produto e efeito das relações de poder” (Meyer, 2013 p.18). Assim, entendemos que a constituição do sujeito se dá discursivamente “mediante atos de diferenciação que o distingue de seu exterior constitutivo” (Butler, 1998 p. 30), dessa forma, o sujeito é contingente e político.

Com isso, podemos afirmar que os papéis sociais de gênero, leia-se, hierarquias de gênero (Louro, 2014), são construídas e reiteradas por meio do discurso, não sendo, dessa forma, características antecedentes ao contato social/cultural. Nesta direção, as relações de gênero são “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos e são, portanto, uma forma primária de relações significantes de poder” (Matos, 1997 p.97).

Diante disso, os estudos de gênero “procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, por meio de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos, relações de poder, conceitos normativos [...]” (Matos, 1997 p.98). É exatamente aqui que incidem a polaridade e a atribuição de características opostas a meninas e meninos, das quais, consequentemente, se vinculam a ideia de fragilidade feminina associada ao uso do termo princesa.

Nesse sentido, intentamos descortinar o mito da fragilidade feminina no campo audiovisual como forma de promover a reflexão e o processo de *desprincesamento* necessário para a crítica e a percepção das desigualdades presentes nas relações de gênero. Percebemos,

²⁰Este termo será melhor contextualizado e explicado no decorrer do texto.



assim, a necessidade de problematizar a temática nos meios sociais em geral, assim como promover críticas aos modelos binários.

2 O processo de *desprincesamento*

Entendemos o termo *desprincesamento* como uma forma de contestação às imposições sociais que indicam de que forma as mulheres devem se comportar e ser representadas socialmente. Vemos no termo princesa uma construção discursiva que possui efeitos sobre a vida de meninas e meninos, pois ele acena papéis a serem assumidos, assim como os hierarquiza. Está, além disso, igualmente relacionado ao sistema capitalista que impõe a conduta, comportamento (vestimenta, atitudes etc.) e até mesmo os sonhos que se deve sonhar; isto quer dizer, que ser uma princesa, implica, ao menos numa denotação tradicionalista, morar num castelo e se vestir bem (com vestidos cheios de glamour, joias etc.).

É com base nisso que intentamos articular o termo *desprincesamento* ao processo de desconstrução proposto por Derrida (1975), pois consideramos urgente a necessidade do desmantelamento das hierarquias que colocam mulheres como princesas e homens como heróis. A problemática envolta ao termo, que é questionada aqui, é materializada nas hierarquias de gênero e não somente a que fica no plano do imaginário ou da ambição de pertencer a uma família real. Nossa preocupação se assenta nos efeitos desse discurso na (con)formação das desigualdades de gênero e na formação de identidades de gênero estanques. Propomos o desvencilhamento a essas imposições sociais, o qual está, nesse estudo, subjacente ao termo *desprincesamento*.

Em outras palavras, percebemos no termo *desprincesamento* uma possibilidade de ressignificar os papéis sociais de gênero impostos, sendo esse processo fundamental para o desvencilhamento da padronização, assim como para o desmantelamento das hierarquias (Derrida, 1975). Louro (2014, p.37), ao falar sobre a desconstrução de Derrida, afirma que “o processo desconstrutivo permite perturbar [a] ideia de relação de via única e observar que o poder se exerce em várias direções”, isso implica dizer que por meio da desconstrução podemos questionar e problematizar as relações de poder postas.

Assim, podemos dizer que por intermédio do *desprincesamento* é possível contestar o termo princesa e suas relações com aquilo que se entende/se espera de uma menina. Ao



mesmo tempo, fraturar a ótica padrão, sobretudo, aquela que coloca meninas como símbolos da passividade e da fragilidade, como alguém que deve ser salvo, e meninos como dominadores e restauradores da paz feminina.

2.1 O processo de *desprincesamento* e o mito da fragilidade feminina

Comumente, vemos meninas sendo associadas ao termo princesa numa alusão aquelas dos contos de fadas. Essa representação, obviamente, nos direciona para as características dessas princesas, bem como para a sua vestimenta, o seu comportamento, seus padrões de beleza etc. Nesse sentido, percebemos uma adesão social desses modelos, entendidos, no âmbito familiar, educacional, midiático como parâmetro inquestionável da feminilidade.

Em Moscovici (2003, p.41), lemos que essas representações que influenciam o comportamento humano, “não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem [...]”. Assim, podemos afirmar que os estereótipos são (re)produzidos a partir da generalização das características que se esperam de uma pessoa, ou seja, são construções consoantes ao que está posto pelo imaginário social.

De acordo com Carvalho (1987, p.11), é a partir do imaginário social que “as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro”, isto implica dizer que o imaginário social reflete as construções sociais e políticas das sociedades, sendo, pois, usado como estratégia para alcançar e mobilizar as pessoas, para de forma (in)consciente agirem de acordo com os interesses sociais e ideológicos do poder hegemônico.

Longe da neutralidade, o termo princesa remete a características estereotipadas daquilo que se entende por adequado para meninas e, contraditoriamente, inaceitável para meninos. Assim, o comportamento da menina é constantemente vigiado, controlado, regulado etc. para que não fuja dos padrões “negociados” socialmente, inclusive, pelos meios audiovisuais.

A (re)produção desses estereótipos acontece de forma tão perspicaz e naturalizada que sua identificação, por vezes, se torna impossível. São construções discursivas reiteradas cotidianamente pelas instâncias reguladoras, como o Estado, a mídia, a igreja, a escola etc. (Magalhães, 2008).



Nessa perspectiva, características como a fragilidade, passividade, submissão (Auaud, 2016) são associadas à mulher como se fossem características inatas e fizessem parte da anatomia do corpo feminino, de tal forma que o desvencilhamento a elas seria impossível. Entretanto, o processo de *desprincesamento* permite pensar criticamente esses modelos, para com isso desconstruir hierarquias (Derrida, 1975) moldadas a partir da naturalização de pressupostos que são, na verdade, construídos discursivamente (Fairclough, 2001).

Por meio do *desprincesamento*, as características dadas como femininas são questionadas/contestadas, bem como ressignificadas (Derrida, 1975) à luz da desmistificação da fragilidade feminina, aspecto essencial para se entender o porquê da ideia de submissão, acatamento e subserviência ao homem. A noção tradicional de princesa remete, portanto, àquela que por motivos relacionados à fragilidade não pode ser a protagonista de sua história e atuar ativamente para a realização de seus sonhos, mas, contrariamente, é alguém dócil e recatado que espera ansiosamente pelo príncipe encantado.

3 “Não me chame de princesa”: Análise do episódio “Lutando contra o homem garoto”

As Meninas Superpoderosas é uma série de desenho animado “Criado em 1998 por Craig McCracken, o desenho animado é uma produção norteamericana dirigida pelo russo Gendy Tartakovsky”. Inicialmente havia sido produzida pelos estúdios Hanna Barbera, mas, devido a sua popularidade, alguns anos depois passou a ser dirigida por Cartoon Network Studios. No Brasil foi transmitida em TV aberta pela emissora SBT e pela Cartoon Network, TV por assinatura (Odinino, 2009, p. 110).

O desenho relata a história de três meninas chamadas Lindinha, Florzinha e Docinho (Blossom, Bubbles e Buttercup), cujo objetivo é salvar o mundo e a cidade de Townville de terríveis criminosos e criaturas perigosas, entre os quais se encontra O Macaco Louco (Mojo Jojo). Elas ganham vida durante uma experiência realizada pelo Professor Utonium, que acidentalmente mistura à fórmula composta por "açúcar, tempero e tudo que há de bom" o Elemento X, criando assim as três meninas com superpoderes, as quais ele passa a cuidar como filhas (Odinino, 2009, p. 110)

As meninas superpoderosas rompem com alguns discursos construídos, socialmente e historicamente, em relação à representação das mulheres nos desenhos animados. Geralmente as mulheres são representadas como aquelas que são passivas e esperam que o príncipe



encantado as salve. As mulheres são associadas, na maioria das vezes, à fragilidade, à passividade, à meiguice e ao cuidado. “Ao masculino correspondem atributos como a agressividade, o espírito empreendedor, a força e a coragem” (Auad, 2016, p.22). Sendo assim, são atribuídas características aos homens como forte, vencedor, aquele que luta para defender seus ideais e para a mulher passividade e fraqueza, para que vença é necessário estar a escolta de um homem. Essas representações de ser homem ou mulher, um conceito binário, estiveram e ainda estão presente nos desenhos animados.

No conto feminino mais comum, a heroína se casa no final. Mas, se tiver sido ativa no conto (e às vezes mesmo se não tiver sido), tem invariavelmente de passar por várias provações severas antes de merecer casar-se com o príncipe ou com qualquer homem. Essas provações sempre envolvem símbolos e práticas de profunda passividade e/ou total inatividade, assim como práticas de humildade e subordinação (Ortner, 1996, p. 60-61).

Para se pensar essas representações é necessário nos atentarmos ao conceito de discurso. O discurso deve ser entendido não apenas como uma prática de representação do mundo, mas de “significação do mundo, que constitui e constrói o mundo em significados” (Fairclough, 2001, p. 91). Fairclough (2001), ao apontar os efeitos constitutivos do discurso, nos mostra que os discursos influenciam as “identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimentos e crenças” (Fairclough, 2001, p.32).

O discurso contribuí, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeitos’ para os sujeitos sociais e os tipos de ‘eu’. Segundo o discurso contribui para construir relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribuí para a construção de conhecimentos e crenças (Fairclough, 2001, p.91)

Com base nos efeitos constitutivos do discurso apresentados por Fairclough (2001), entendemos que os modos de representação da mulher/menina nos desenhos animados como frágil, passiva, subordinada e etc., contribui para o modo de como as meninas se identificam e são identificadas na sociedade (identidades sociais e individuais), e isso, consequentemente influencia nos conhecimentos e crenças de como é ser mulher/menina, fazendo com que a sociedade naturalize as desigualdades de gêneros.

Por isso, pesquisas que desvelem discursos de desigualdades de gêneros são de suma importância, pois da mesma forma que o discurso institui desigualdades, ele também pode ser um instrumento capaz de desconstruí-las, ao desvelar como o poder é exercido e mantido na sociedade (Fairclough, 2001).



No desenho animado *As meninas superpoderosas*, ao contrário dos contos comuns de heroínas, em que a mulher espera ser salva pelo príncipe, as três irmãs, Docinho, Lindinha e Florzinha, lutam para salvar a cidade. Sendo assim, não representam a figura geralmente destinadas a mulher nos contos de fadas. Representam uma contradição da mulher meiga, fofa e carinhosa e, ao mesmo tempo, a menina forte e corajosa que luta pelos seus ideais. Entendemos assim, que em vários episódios as meninas superpoderosas reforçam estereótipos do que é ser mulher/menina, porém rompe com alguns discursos em relação à mulher passiva que aguarda ser salva por um homem – ao demonstrarem ser protagonistas de sua própria história.

Algumas problemáticas não poderiam deixar de ser citadas nessa análise, tais como: as personagens do desenho animado são criadas por um homem – o professor Utonium, e são aconselhadas por ele, por isso, a dominação masculina é representada e reverberada nesse desenho animado. Outro fato são os comportamentos de Lindinha e Florzinha são sempre meigas. Já Docinho apresenta um comportamento que não é considerado feminino, ou seja, ela não é meiga. A personagem Docinho representa força e bravura, por isso, o tempo todo é reprimida por suas irmãs e pelo professor. Essa representação da personagem pode demonstrar que não existe um modo correto de ser menina/mulher e que as meninas não precisam ser passivas, e sim, protagonistas. Contudo, existe uma contradição evidente no desenho, ao ser reprimida a personagem pode demonstrar o que a menina/mulher não deve ser, reverberando discursos do que é ser mulher. Além disso, a personagem Docinho foi vista, desde sua aparição no desenho, como alguém que fugia das normas, uma vez que no imaginário social, por causa das investidas de outras histórias e, principalmente, dos contos de fadas, Docinho não se enquadra no padrão estereotipizado construído na/pela sociedade.

Nesse trabalho, fazemos a análise crítica do episódio “Lutando contra o homem garoto”, a fim de evidenciar e demonstrar como a personagem tenta romper com o conceito de mulher passiva – a princesa – e ao mesmo tempo é reprimida pelas irmãs. Analisemo-lo.



Fonte: *Print* do episódio “Lutando contra o Homem garoto”.

O desenho animado inicia com um ataque do “Homem garoto” a cidade de *Townville*, reivindicando o retorno da cidade para suas principais raízes. O personagem deseja que os homens sejam homens e então, ameaça destruir uma feira Hippie.

Essa cidade era uma cidade dos homens, onde os homens eram homens e os garotos também, eram homens. Townville precisa retornar para suas principais raízes nem que para isso, eu tenha que destruir esse carnaval hippie (Transcrição da fala do homem garoto).

No discurso do personagem, constata-se estereótipos no que se refere às condutas esperadas de um homem. Para ele, homem não é aquele que medita (haja vista que o episódio, também estereotipa o hippie, o representando como aquele que é passivo e que passa o tempo todo meditando). Essa característica de ser calmo e passivo, para o personagem está relacionada às características femininas, sendo inadmissível que um homem possua as mesmas características de uma mulher.

Costa (2008), explica que as relações existentes entre masculino e feminino são desiguais, assimétricas e mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal. Essa desigualdade é constituída pelo discurso, estabelecendo relações de poder entre os gêneros. Nesse sentido, para o personagem “Homem garoto”, um homem ter as mesmas características de uma mulher abalaria as relações de poder e dominação, existindo, assim, a necessidade de preservar as raízes, ou seja, o homem forte e dominador e a mulher passiva e subserviente.

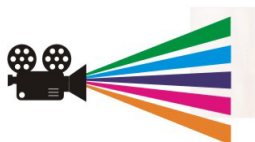


Imagem 2 - Docinho detendo o homem garoto.



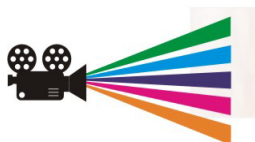
Fonte: *Print* do episódio “Lutando contra o homem garoto”.

Em seguida, o homem garoto, questiona se existem alguns homens para detê-lo: “Eu vou destruir essa feira hippie. A não ser que exista homem suficiente para me deter” (Transcrição da fala do homem garoto). Quando Docinho se prepara para combatê-lo, o personagem ri e a questiona: “Por que não vai brincar com suas bonecas? Princesa!”.

O personagem Homem garoto associa o termo princesa – cuja função, geralmente, é ficar à espera do príncipe encantado – com relação direta com a ideia de subserviência e submissão feminina, dado que se espera da mulher o mesmo que da protagonista dos contos de fadas, que ela se mostre passiva. O termo princesa, como está associado à fraqueza e passividade da mulher, naturaliza as desigualdades de gênero presentes na sociedade.

Resende e Ramalho (2006) nos explicam que as palavras carregam afirmações avaliativas, para as autoras, essas afirmações nos ditam o que é bom ou ruim, ou seja, apresentam um juízo de valor. Assim, as palavras trazem consigo discursos que constroem o mundo em significados. A palavra princesa, nesse contexto, traz consigo o conceito de que a mulher deve ser meiga, frágil, bela e estar à espera de algum homem para salvá-la (passiva), influenciando (in)diretamente nas identidades sociais e individuais das meninas. Ao usarmos a palavra princesa para caracterizar as meninas estamos (re)afirmando tudo o que ela pode e/ou não dever ser, ou seja, seu modo de agir na sociedade.

O mesmo se dá no enunciado: “Existe algum homem que pode me deter?”, haja vista que somente o homem pode ser capaz de salvar/ lutar, uma característica exclusivamente



masculina. Para *O homem garoto*, a mulher-princesa não pode se salvar e muito menos salvar uma cidade.

Outro estereótipo em relação à mulher se dá quando personagem usa o termo: “Por que não vai brincar com suas bonecas?”, fica intrínseco nesse discurso que o lugar da mulher é em casa, cuidando dos filhos, brincando de bonecas, sendo treinada para exercer seu papel na sociedade que é ser mãe/dona de casa. Nesse sentido, concordamos com Scott (1999, p.88) que as distinções entre sexos “transforma seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres, seres sociais”, designando as funções que devem ser exercidas por ambos na sociedade. Nesse contexto, cabe à mulher ficar em casa exercendo seu papel social, esperando o marido, enquanto aos homens caberá ser forte e aventureiro.

Docinho fica enfurecida por ser chamada de princesa, então é questionada pelo “Homem garoto”: “Acha que pode lutar comigo como um homem? Princesa!” O seu jeito de garotinha não é palio para o meu robô homem” (Transcrição da fala do homem garoto). Assim, para o “Homem garoto” as questões biológicas determinam o papel que homem e mulher devem exercer na sociedade. E o papel destinado a mulher, na sociedade, não é o de ser ativa, forte e corajosa.

Isso é constatado na fala do personagem “O homem garoto”, quando diz: “Acha que pode lutar como um homem?”, reafirmado que somente os homens possuem a força. E luta está associada somente a eles, tendo em vista que eles são os detentores da força e poder, restando para a mulher somente a submissão, ou seja, aguardar para serem salvas.

Imagem 3c- Docinho enfurecida por ser chamada de princesa.



Fonte: *Print* do episódio “Lutando contra o homem garoto”.



Docinho fica furiosa ao ser chamada de Princesa. “Não me chama de princesa. Ninguém me chama de princesa. Eu vou te mostrar a princesa!” (Trecho transcrito da fala de Docinho). A personagem relaciona o termo princesa às personagens que esperam ser salvas por um príncipe, tais como: Branca de Neve, Bela e a Fera e etc., mulheres que são passivas e ficam esperando que o homem corajoso e forte às salvem.

Docinho luta contra o Homem garoto e ganha a batalha, defendendo a cidade de *Townville*. A personagem, ao invés de esperar ser salva, se torna a protagonista de sua própria história, diferentemente de outros desenhos animados em que as mulheres são passivas. Porém, após vencer a luta, seu comportamento de raiva é reprimido pelas irmãs, que entendem que aquele não deve ser o comportamento de uma menina. No episódio analisado, as meninas superpoderosas estavam indo para uma feira *hippie*, para que Docinho pudesse aprender a controlar seu temperamento.

A mulher/menina deve ser aquela meiga e delicada, totalmente ao contrário das características de Docinho, que é forte, corajosa e brava.

Docinho é a mais valente e corajosa. No entanto é mal humorada e durona. Por ser caracterizada como a mais agressiva, ela apresenta um comportamento mais impulsivo: por qualquer motivo já quer sair batendo. Vive caçoando da irmã mais nova, Lindinha, que apresenta personalidade quase oposta à sua (Odinino, 2009, p. 114)

Docinho sendo uma menina não pode apresentar um comportamento de raiva e muito menos demonstrar sua força. Entendemos assim, que a personagem rompe com discursos, em relação a ser menina/mulher, ao questionar o uso do termo princesa e, também, ao demonstrar que a mulher não precisa ser meiga e calma.

Docinho não se sente representada pelos sentidos que o termo princesa carrega. Porém, após vencer a luta com o homem garoto e não conseguir “controlar sua raiva” passa a acreditar que talvez tenha um problema. “Eu fiz isso? Talvez eu tenha um problema” (Trecho transcrito da fala de Docinho). Ao ser questionada sobre sua atitude de raiva passa a se sentir diferente da forma como deveria agir por ser uma menina/mulher.

No episódio analisado, as irmãs de Docinho apresentam conhecimentos e crenças do que é ser menina, por isso, questionam o comportamento da irmã que demonstra ter raiva. Nesse contexto, ao não possuir o comportamento que a sociedade espera, Docinho é



reprimida e passa a se sentir com um problema por não possuir as características que deveria ter por ser uma menina. Entendemos, assim, que o discurso constrói conhecimentos e crenças de ser menina, fazendo com que as mulheres que não possuem um comportamento parecido com os de ‘princesa’ se sintam diferentes, como se seu modo de agir fosse “errado”.

Docinho rompe com as características tradicionalmente destinadas a uma menina. Ao vencer a luta contra o “Homem garoto” dá visibilidade à representação da menina empoderada, apagando a imagem da menina frágil e submissa. O *desprincesamento* se dá quando Docinho ressignifica (Derrida, 1975) o papel destinado a mulher/menina, mostrando que não é frágil. Porém, após esse empoderamento seu comportamento é reprimido devido à construção discursiva do que é ser mulher (conhecimentos e crenças) (Fairclough, 2001), que faz com que Docinho passe a se identificar como problemática.

4 Considerações finais

Os discursos estereotipados do que é ser mulher podem consolidar identidades, fazendo com que as meninas passem a assumir e acreditar que devem ser passivas diante dos problemas/homens, reiterando discursos, tais como, o mito da fragilidade feminina. Nesse sentido, o termo “princesa” presente nos desenhos animados podem contribuir para a constituição das dimensões da estrutura social, podendo construir crenças de que a mulher é inferior, passiva e fraca (Fairclough, 2001).

No episódio “Lutando contra o homem garoto”, a personagem Docinho desmistifica estereótipos associados às mulheres, ou seja, o mito da fragilidade feminina, desfazendo estruturas discursivas construídas socialmente e historicamente entre ser masculino – como expressão de ser forte, corajoso e ganhador –, e ser feminino – como expressão de ser frágil, sensível e delicada, aquela que para vencer necessita de um homem. Mostra ainda, que em todos os momentos que a mulher/menina demonstrar comportamentos diferentes do que a sociedade espera serão reprimidas, passando a ser considerada pela sociedade da mesma forma que Docinho – com algum problema.

Por isso, o rompimento do discurso ‘princesa’ se faz necessário, haja vista que meninas que não se sentem representadas por esse discurso, podem passar a sentir-se com algum problema, pois o termo ‘princesa’ pode influenciar no modo de como a sociedade



entende que ‘deve ser’ uma mulher/menina, e isso, conseqüentemente influencia no modo de como as meninas passam a se identificar (Fairclough, 2001). Assim, a desconstrução desse discurso que (re)afirmam como deve ser uma mulher/menina é fundamental.

Por isso, o *desprincesamento* se faz necessário, para desmistificar o mito da fragilidade feminina, demonstrando as relações de poder e dominação do homem sobre a mulher. Estes discursos da fragilidade feminina têm sido construídos socialmente e historicamente, de tal forma que o seu desvencilhamento se torna necessário, pois da mesma forma que o discurso cria práticas sociais (Fairclough, 2001) ele também permite que essas mesmas práticas sejam desconstruídas.

Sendo assim, o episódio analisado apresenta uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que pode ser considerado como uma ferramenta capaz de romper com discursos enraizados na sociedade – empoderando as meninas para que se vejam como ativas e protagonistas de suas histórias, como Docinho – pode também reforçar estereótipos ao fazer com que as meninas que se identifiquem com Docinho passem a se sentirem diferentes e com problema.

A importância do *desprincesamento* se dá, nesse contexto, para que meninas que não apresentam comportamento esperados pela sociedade (princesa), assim como Docinho, não passem a se sentir com problema.

Referências Bibliográficas

AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos – relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2016.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do ‘pós-modernismo’. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.

CARVALHO, J. M. *A Formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Ana Alice. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. 2008. Disponível em: http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf Acessado em: 11/10/2017.

DERRIDA, J. *Posições: semiologia e materialismo*. Tradução de Maria Margarida Correia Calvente Barahona. Plátano: Lisboa, 1975.



FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UNB, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2014.

MAGALHÃES, I. *Discursos e identidades de gênero na alfabetização de jovens e adultos e no Ensino Especial*. Calidoscópio, v.6, n.2, p.61-68, maio/ago. 2008.

MATOS, M. I. S. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros-percursos e possibilidades (Org.). In: _____. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na história Contemporânea*. São Paulo: Educ. 1997.

MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (organizadoras). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

ODININO, Juliane. *Super-Heroínas em Imagem e Ação: gênero, animação e imaginação infantil no cenário da globalização das culturas*. 2009. 321f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ORTNER, Sherry. *Making Gender: the politics and erotics of culture*. Boston: Beacon Press, 1996.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCOTT, Joan W. *Prefácio a gender and politics of history*. Cadernos Pagu, n. 3 (Desacordos, desamores e diferenças), p. 11-27, 1994.

SCOTT, Joan W. *Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista*. Debate Feminista, São Paulo: Cia. Melhoramentos, Edição Especial (Cidadania e Feminismo), p. 203-222, 1999.